

# GUERRA E CAPITAL<sup>1</sup>

Éric Alliez

Maurizio Lazzarato

---

<sup>1</sup> Tradução realizada coletivamente unicamente para uso do Grupo de Estudos Maria Lacerda de Moura, disponibilizada para eventuais interessados ainda demandando revisão adicional.

## INTRODUÇÃO

### *Aos nosso Inimigos*

1. Nós vivemos no tempo da subjetivação das guerras civis. Não saímos do período do triunfo do mercado, dos automatismos da governamentalidade e da despolitização da economia da dívida para reencontrar a época das concepções de mundo e seus afrontamentos, mas para entrar na era da construção das novas máquinas de guerra.

2. O capitalismo e o liberalismo carregam as guerras em seus seios como as nuvens carregam as tempestades. Se a financeirização do fim do século XIX e início do século XX conduziu à guerra total e à Revolução Russa, à crise de 29 e às guerras civis européias, a financeirização contemporânea guia a guerra civil global comandando todas as suas polarizações.

3. Desde de 2011, são as múltiplas formas de subjetivação das guerras civis que modificam profundamente de uma só vez a semiologia do capital e a pragmática das lutas se opondo aos mil poderes da guerra como quadro permanente da vida. Do lado das experimentações das máquinas anticapitalistas, Occupy Wall Street nos EUA, os Indignados na Espanha, as lutas estudantis no Chile e no Quebec, a Grécia em 2015 lutando com armas desiguais contra a economia da dívida e as políticas de austeridade. As primaveras árabes, as grandes manifestações de 2013 no Brasil e os confrontos em torno do parque Gezi na Turquia fazem circular as mesmas palavras de ordem e de desordem em todas as direções. 'Nuit Debut' na França é a última reviravolta de um ciclo de lutas e de ocupações que começaram talvez sobre a praça Tiananmen em 1989. Do lado do poder, o neoliberalismo, para melhor ascender o fogo de suas políticas econômicas predatórias promove uma pos-democracia autoritária e policial gerida por técnicos do mercado, enquanto a nova direita (ou “direita forte”) declara guerra ao estrangeiro, ao imigrante, ao muçulmano e à *underclass* ao proveito exclusivo das extremas direitas “desdiabolizada”. São estas que vêm a se instalar abertamente no terreno das guerras civis que elas subjetivam relançando uma guerra racial de classe. A hegemonia neofascista sobre os processos de subjetivação é ainda confirmada pela reprise da guerra contra a autonomia das mulheres e os devires-minoritários da sexualidade (na França, a “Manifestação para todos”) como extensão do domínio endocolonial da guerra civil. À era da desterritorialização sem limite de Thatcher e Reagan sucede a reterritorialização racista, nacionalista, sexista e xenófoba de Trump que de agora em diante toma a frente de todos os novos fascismos. O sonho americano se transformou no pesadelo de um planeta insone.

4. O desequilíbrio entre as máquinas de guerra do Capital e dos novos fascismos, de um lado, e as

lutas multiformes contra o sistema-mundial do novo capitalismo, de outro, é flagrante. Desequilíbrio político, mas também desequilíbrio intelectual. Este livro se concentra sobre um vazio, branco, um reprimido teórico ao mesmo tempo que prático, que está entretanto sempre no coração em potência e é dirigido aos nossos inimigos.

5. <<É como uma guerra>>. Ouvimos em Atenas durante o final de semana do 11-12 de julho de 2015. Com razão. A população foi confrontada com uma estratégia em grande escala de continuação da guerra pelos meios da dívida: ela concluiu a destruição da Grécia e, de um mesmo golpe, disparou a autodestruição da construção europeia. O objetivo da comissão europeia, do BCE e do FMI nunca foi a mediação e a procura de compromisso, mas a derrota em campo aberto do adversário;

O anúncio << é como uma guerra>> é uma imagem que é preciso tão logo retificar: É uma guerra. A reversibilidade da guerra e da economia está no fundamento mesmo do capitalismo. E faz já muito tempo que Carl Schmitt revelou a hipocrisia pacifista do liberalismo restabelecendo a continuidade entre a economia e a guerra: A economia persegue os objetivos da guerra por outros meios (“O bloqueio do crédito, o embargo das matérias primas, a degradação da moeda estrangeira”).

Dois oficiais superiores da aeronáutica chinesas, Qiao Liceng e Wang Xiangsui definiram as ofensivas financeiras como << guerras não sangrentas>>, tão cruéis e eficazes como as guerras sangrentas: uma violência fria. O resultado da globalização, eles explicam, <<é que tudo, reduzindo o espaço do campo de batalha em sentido estrito, o mundo inteiro, se transformou em um campo de batalha no sentido largo>>. O alargamento da guerra e a multiplicação de seus nomes de domínio terminaram por estabelecer o contínuo entre guerra, economia e política. Mas, é desde o início, que o liberalismo é uma filosofia de guerra total.

(O Papa Francisco parece pregar no deserto até quando ele afirma, com uma lucidez que falta aos homens políticos, aos *experts* de todos os tipos e até nos críticos mais aguerridos do capitalismo: ” quando eu falo da guerra, eu falo da verdadeira guerra, não da guerra religiosa, mas de uma guerra mundial em mil pedaços, é a guerra por interesses, por dinheiro, por recursos naturais, pela dominação dos povos. ”

6. Durante o mesmo ano de 2015, alguns meses depois da derrota eleitoral da <<esquerda radical>> grega, o presidente da república francesa declara na tarde de 13 de novembro a França em guerra e promulga estado de urgência. A lei que o autorizou, autorizando a suspensão das liberdades democráticas para conferir poderes extraordinários à administração da segurança pública, foi votada em 1955 durante a guerra colonial da Argélia. Aplicada em 1984, em nova Caledônia e então no

elevant da periferia em 2005. O estado de urgência recoloca no centro da atenção a guerra colônia e pós-colonial.

Isso que se passou em Paris, uma péssima noite de novembro, nas cidades do Oriente Médio é o teatro cotidiano. É o mesmo horror que fez milhões de refugiados se despejarem sobre a Europa. Eles tornam assim visível a mais velha das tecnologias colonialistas de regulação dos movimentos migratórios por seu prolongamento apocalíptico nas guerras infinitas lançadas pelos fundamentalista cristão George Bush e seu estado maior de neoconservadorismo.

A guerra neocolonial não se desenrola mais somente nas periferias do mundo, ela atravessa de todas as maneiras possíveis o centro por empréstimo das figuras “o inimigo interno islâmico”, os imigrantes, os refugiados, os migrantes. Não são deixados de lado os inimigos internos “deixados por conta” sempre: os pobres e os trabalhadores empobrecidos, os precarizados, os desempregados por muito tempo e os “endocolonizados” dos dois lados do Atlântico...

7. O pacto de estabilidade (o estado de urgência financeira na Grécia) e o pacto de segurança (o estado de urgência política na França) são duas faces da mesma moeda. Desestruturando e reestruturando continuamente a economia mundial, os fluxos de crédito e os fluxos de guerra são, com os estados que integram, a condição de existência, de produção e de reprodução do capitalismo contemporâneo.

A moeda e a guerra constituem a PM do mercado mundial, chamada ainda de <<governabilidade>> da economia mundial. Na Europa, ela se encarna no estado de urgência financeiro que reduz a zero os direitos do trabalhador e os direitos da previdência social (saúde, educação, habitação), ao mesmo tempo que o estado de urgência antiterrorista suspende direitos democráticos já exíguos.

8. Nossa primeira tese será que a guerra, a moeda e o Estado são as forças construtivas e constituintes, isto é, ontológicas, do capitalismo. A crítica da economia política é insuficiente na medida em que a economia não substitui a guerra, mas a continua por outros meios, que passam necessariamente pelo Estado: regulação da moeda e monopólio legítimo da força para guerra interna e externa. Para produzir a genealogia e construir o desenvolvimento do capitalismo, nós devemos sempre engajar e articular juntos à crítica da economia política, a crítica da guerra e a crítica do Estado.

A acumulação e monopólio dos títulos de propriedade pelo capital e a acumulação e o monopólio da força pelo Estado se nutrem reciprocamente. Sem o exercício da guerra aos externos, e sem o exercício da guerra civil pelo Estado ao interior das fronteiras, jamais o capital teria podido se constituir. E inversamente sem a captura e a valorização da riqueza operada pelo capital, jamais o Estado teria podido exercer as suas funções administrativas, jurídicas e governamentais, nem

organizar armas de uma potência sempre crescente. A expropriação dos meios de exercício da força são as condições de formação do Capital e constituem o Estado que se desenvolve paralelamente. A proletarização militar acompanha a proletarização industrial.

9. Mas de qual guerra se trata? O conceito de guerra civil mundial proposto ao mesmo tempo (em 1961) por Carl Schmitt e Hannah Arendt se impôs após o fim da Guerra Fria como sua forma mais apropriada? As categorias “guerra infinita”, “guerra justa” e “guerra contra o terrorismo” correspondem aos novos conjuntos de mundialização? É possível retomar o sintagma da guerra sem imediatamente assumir o ponto de vista do Estado? A história do capitalismo é, desde a origem (*Ursprung*), atravessada e constituída por uma multiplicidade de guerras: guerras de classe(s), raça(s), de sexo(s)<sup>1</sup>, guerras de subjetividade(s), guerra de civilização (no singular como se escreve História). As guerras, e não a guerra, é nossa segunda tese. As guerras como fundamento da ordem interior e da ordem exterior, como princípio de organização da sociedade. As guerras, não somente de classe, mas também militares, civis, de sexo, de raça são integradas de uma maneira tão constituinte à definição de Capital que seria necessário (que precisaríamos) reescrever de ponta a ponta *O Capital* para dar conta da sua dinâmica em seu funcionamento mais real. Em todos os pontos da virada do capitalismo, não se encontrará a destruição criativa de Schumpeter portada pela inovação empreendedora, mas sempre a retomada das guerras civis.

[<sup>1</sup>- Nós utilizamos de maneira intercambiável “guerra contra as mulheres”, “guerra do sexo” e “guerra de gênero”. Sem entrar no debate que atravessa o feminismo, os conceitos de “mulher”, “sexo” e “gênero” (como aquele de “raça”, aliás) não nos remetem a nenhum essencialismo, mas à construção política da heterossexualidade e do patriarcado como norma social de controle da procriação, da sexualidade e da reprodução da população, cuja a célula familiar é o fundamento. É uma verdadeira guerra continuada que é travada contra as mulheres para as submeter a esses processos de submissão, de dominação e de exploração.]

10. Desde 1492, o Ano 1 do Capital, a formação de capital se desdobra através dessa multiplicidade de guerras nas duas margens do Atlântico. A colonização interna (Europa) e a colonização externa (Américas) são paralelas, se reforçam mutuamente e juntas definem a economia mundial. Essa dupla colonização define o que Marx chamou de acumulação primitiva (*ursprüngliche Akkumulation*). Delimitando uma diferença, senão em relação a Marx, pelo menos a um certo marxismo dominante por um longo período, nós não restringimos o conceito de acumulação primitiva a uma simples fase do desenvolvimento do capital, destinada a ser superada no e pelo

“modo de produção específico” do capitalismo. Nós consideramos que ela constitui uma condição de existência que acompanha sem cessar o desenvolvimento do capital, de sorte que se a acumulação primitiva prossegue em todas as formas de expropriação de uma acumulação continuada, então *as guerras* de classe, de raça, de sexo, de subjetividade são *sem fim*. A conjunção destas últimas, e notadamente, as guerras contra os pobres e as mulheres nas colonizações internas à Europa, e as guerras contra os povos originários na colonização externa, que são completamente desenvolvidas na acumulação primitiva, precede e torna possível as lutas de classes dos séculos XIX e XX as projetando em uma guerra comum contra a *pacificação produtiva*. A pacificação obtida por todos os meios (sangrentos e não-sangrentos) é o objetivo da guerra do capital como “relação social”.

11. “Se concentrando exclusivamente sobre a relação entre capitalismo e industrialismo, Marx termina por não concentrar nenhuma atenção na ligação estreita que estes dois fenômenos mantêm com o militarismo.” A guerra e a corrida armamentista são ao mesmo tempo condições do desenvolvimento econômico e da inovação tecnológica e científica desde o início do capitalismo. Cada etapa do desenvolvimento do capital inventa seu próprio “keynesianismo de guerra”. Esta tese de Giovanni Arrighi tem o único defeito de se limitar “à” guerra entre Estados e de “não prestar nenhuma atenção à ligação estreita” que o Capital, a tecnologia e a ciência matêm com “as” guerras civis. Um coronel do exército francês resumiu as funções diretamente econômicas da guerra do seguinte modo: “Nós somos tão produtores quanto os outros”. Ele revela assim um dos aspectos mais inquietantes do conceito de produção e de trabalho, aspecto que os economistas, os sindicatos e os marxistas inseridos se guardam bem de tematizar.

12. A força estratégica de desestruturação/reestruturação da economia mundial é, desde a acumulação primitiva, o Capital sob sua forma mas desterritorializada, a saber: o Capital financeiro (que deve se dizer assim antes mesmo de ter recebido credenciais balzaquianas). Foucault critica a concepção marxiana do Capital porque não haveria jamais 'o' capitalismo, mas sempre “um conjunto político-institucional” historicamente qualificado (o argumento é destinado à ostentar).

Se bem que Marx efetivamente jamais utilizou o conceito de capitalismo, é necessário não obstante conservar a distinção entre este último e “o” capital, pois “sua” lógica, aquela do Capital financeiro (A – A') é (sempre historicamente) a mais operacional. Isso, que recebe o nome de “crise financeira”, o mostra a obra até em suas performances pós-críticas mais “inovadoras”. A multiplicidade das formas estatais e das organizações transnacionais de poder, a pluralidade dos conjuntos político-institucionais definem a variedade de “capitalismos” nacionais, que são violentamente centralizados, subordinados e comandados pelo Capital financeiro mundializado em

sua finalidade de “crescimento”. A multiplicidade das formações de poder se dobram, mais ou menos docilmente (porém mais do que menos) à lógica da propriedade mais abstrata, aquela do credor. “O” Capital com sua lógica (A – A') de reconfiguração planetária do espaço pela aceleração constante do tempo é uma categoria histórica, uma “abstrato-concreto”, diria Marx, que produz os efeitos mais reais, de privatização universal da Terra dos “humanos” e dos “não-humanos”, e a privação dos “comuns” do mundo (pense aqui no monopólio da terra – *land grabbing* - que é ao mesmo tempo consequência direta da crise alimentar de 2007-2008 e uma das estratégias para se sair da crise, “a pior crise financeira da História Global”). É desta maneira que nós empregamos o conceito “histórico-transcendental” de Capital lhe tirando o 'o' (letra maiúscula também abaixada quando possível) para a colonização sistemática do mundo da qual ele é o agente já faz longo tempo.

13. Por que o desenvolvimento do capitalismo não passa pelas cidades que o serviram durante muito tempo como vetor, mas pelo Estado? Porque somente o Estado ao longo de todos os séculos XVI, XVII, XVIII, foi o mesmo a realizar a expropriação/apropriação da multiplicidade das máquinas de guerra da época feudal (transformadas pelas guerras privadas) para as centralizar e as institucionalizar em uma máquina de guerra transformada em exército detentor do monopólio legítimo da força pública. A divisão do trabalho não se opera somente na produção, mas também com a especialização da guerra e da profissão de soldado. Se a centralização e o exercício da força em um 'exército regular' é obra do Estado, é também a condição da acumulação “das riquezas” pelas nações “civilizadas e opulentas” às custas das nações pobres (Adam Smith) – as quais, de fato, não são de maneira nenhuma nações, as *Waste Lands* (*Locke in Wasteland*).

14- A constituição do Estado em <<megamachine>> (megamáquinas) de poder terá, portanto, repousado sobre a captura de meios de exercício da força e sobre sua centralização e sua institucionalização. Mas a partir dos anos de 1870, e sob o âmbito sobretudo da aceleração brutal imposta pela <<guerra total>>, o Capital não se contenta mais em manter uma relação de aliança com o Estado e sua máquina de guerra. Ele começa a se apropriar *diretamente* integrando seus instrumentos de polarização. A construção dessa nova máquina de guerra capitalista vai assim integrar o Estado, sua soberania (política e militar) e o conjunto de suas “funções administrativas” as modificando profundamente sob a direção do Capital financeiro. A partir da I Guerra Mundial, o modelo de organização científica do trabalho e o modelo militar de organização e de condução da guerra penetram em profundidade o funcionamento político do Estado, reconfigurando a divisão liberal dos poderes sob hegemonia do poder executivo, tanto que, ao inverso, a política, não mais de Estado, mas do Capital, se impõe na organização, na condução e nas finalidades da Guerra. Com o

neoliberalismo, este processo de captura da máquina de guerra e de Estado é plenamente realizado na axiomática do *Capitalismo Mundial Integrado*. É assim que inserimos o CMI de Felix Guattari à serviço de nossa terceira tese: o Capitalismo Mundial Integrado é a axiomática da máquina de guerra do Capital que soube se submeter a desterritorialização militar do Estado à desterritorialização superior do Capital. A máquina de produção não se distingue mais da máquina de guerra que integra o civil e o militar, a paz e a guerra no processo único de um contínuo poder isomórfico à todas suas formas de valorização.

15- Na longa duração da relação capital/guerra, o deflagrar da guerra econômica entre imperialismos ao fim do século XIX vai constituir uma viragem, aquela de um processo de transformação irreversível da Guerra e da economia, do Estado e da sociedade. *O capital financeiro transmite o ilimitado (de sua valorização) à guerra fazendo dessa última uma potência sem limites (guerra total)*. A conjunção do ilimitado do fluxo da guerra e do ilimitado fluxo do Capital financeiro na I Guerra Mundial recolocará os limites ao mesmo tempo da produção e da Guerra fazendo surgir o espectro terrificante da produção ilimitada para a guerra ilimitada. Isso nos leva de volta às duas guerras mundiais, por terem pela primeira vez realizado a subordinação <<total>> (ou submissão total) da sociedade e de suas “forças produtivas” à economia da guerra através da organização e da planificação da produção, do trabalho e da técnica, da ciência e do consumo, em uma escala até então desconhecida. A implicação do conjunto da população na “produção” de subjetivação de massa através da gestão de técnicas de comunicação e de fabricação da opinião. Da colocação em curso de programas de pesquisa sem precedentes, volta do s para a <<destruição >>, sairão as descobertas científicas e tecnológicas que, transferidas para a produção dos meios de produção de <<bens>>, vão constituir as novas gerações do capital constante. É todo esse processo que escapa ao operaismo ( e ao pós-operaismo) no curto circuito que o faz situar nos anos 1960-1970 a Grande Bifurcação do Capital, assim fusionada com o momento crítico da auto-afirmação do operaismo *na usina* (será necessário ainda esperar o pós -fordismo para atingir à usina difusa).

16. A origem do *estado de bem estar [wellfare]* não deve ser procurada unicamente do lado da lógica assistencialista contra os riscos do 'trabalho' e os riscos da 'vida' (a escola foucaultiana sob influencia patronal), mas antes de tudo e sobretudo na lógica da guerra. O *estado de guerra [warfare]* antecipou largamente e preparou o *estado de bem estar [wellfare]*. Desde os anos 30, um e outro se tornaram indiscerníveis. A enorme militarização da guerra total, que transformou o operário internacionalista em 60 milhões de soldados nacionalistas, será “democraticamente” reterritorializada por e sobre o *bem estar*. A conversão da economia de guerra em economia liberal, a conversão da ciência e da tecnologia dos instrumentos de morte em meios de produção de 'bens' e a conversão subjetiva da população militarizada em “trabalhadores' foram realizadas graças aos enormes dispositivos de intervenção estatais dos quais participaram ativamente as empresas (capitalismo corporativo). O “estado de guerra” continuou por outros meios sua lógica no “bem estar”. Keynes ele mesmo reconheceu que a política da “demanda efetiva” não tinha outro modelo



de realização do que um regime de guerra.

17. Inserido em 1951 no seu “Ultrapassagem da Metafísica” (a ultrapassagem em questão havia sido pensada durante a Segunda Guerra Mundial), este desenvolvimento de Heidegger define precisamente isso que se tornaram os conceitos de 'guerra' e de 'paz' na saída das duas guerras totais:

“Modificados, tendo perdido sua essência própria, a 'guerra' e a 'paz' são colocadas na errância, tornadas desconhecidas, nenhuma diferença entre elas aparece mais, elas desapareceram no desenvolvimento puro e simples das atividades que, sempre adicionalmente, fazem as coisas factíveis. Se não podemos responder à questão: quando a paz retornará? Não é porque não se pode perceber o fim da guerra, mas porque a questão colocada visa algo que não existe mais, a guerra ela mesma não sendo mais nada que possa resultar em uma paz. A guerra se torna uma variedade do desgaste natural do Estado, e ela continua em tempos de paz [...]. Essa longa guerra em sua longitude progride lentamente, não para uma paz da antiga maneira, mas para um estado de coisas no qual o elemento 'guerra' não será mais de modo algum sentido como tal ou no qual o elemento 'paz' não terá mais nem sentido nem substância.”

A passagem será reescrita no fim de *Mil Platôs* para indicar como a capitalização tecno-científica (ela remete a isso que nós chamamos o “complexo militar-industrial-científico-universitário”) engendrará uma nova concepção da segurança como guerra materilizada, como insegurança organizada ou catástrofe programada, distribuída, molecularizada.

18. A Guerra fria é socialização e capitalização intensivas da subsunção real da sociedade e da população na economia de guerra da primeira metade do século XX. Ela constitui uma passagem fundamental para a formação da máquina de guerra do Capital, que não se apropria do Estado e da guerra sem subordinar o "saber" ao seu processo. A Guerra fria vai ampliar a produção local de inovações tecnológicas e científicas incentivadas pelas guerras totais. Praticamente todas as tecnologias contemporâneas, e notadamente as cibernéticas, as tecnologias computacionais e informáticas são, diretamente ou indiretamente, os frutos da guerra total redirecionados pela Guerra fria. O que Marx chama o "Intelecto Geral" nasceu na "produção para a destruição" das guerras totais antes de ser reorganizado pelas Pesquisas Operacionais [Recherches Opérationnelles] (OR) da Guerra Fria em instrumento (R&D) de comando e controle da economia-mundial. Este é um outro afastamento maior em relação ao operaísmo e ao pós-operaísmo ao qual a história guerreira do Capital nos constrange. A ordem do trabalho ("Arbeit macht frei") estabelecida pelas guerras totais se transforma em ordem liberal-democrática do pleno emprego como instrumento de regulação social do "trabalhador-massa" e de todo seu ambiente doméstico.

19. 68 se situa sob o signo da reemergência política das guerras de classe, de raça, de sexo e de subjetividade, que a "classe trabalhadora" não pode mais subordinar aos seus "interesses" e às suas formas de organização (partidos-sindicatos). Se é nos Estados Unidos que a luta dos trabalhadores "atingiu o seu desenvolvimento num nível absoluto e mais elevado" ("Marx à Détroit"), é também lá que ela foi derrotada ao sair das grandes greves do pós-guerra. A destruição da "ordem do trabalho" resultante das guerras totais e continuando na e pela Guerra fria como "ordem do assalariado" não será somente o objetivo de uma nova classe trabalhadora que redescobre sua autonomia política, ela será igualmente o fato de que a multiplicidade de todas essas guerras que, um pouco todas ao mesmo tempo, são reacendidas reerguendo as experiências singulares dos "grupos-sujeitos" que os leva para as suas condições comuns de ruptura subjetiva. As guerras de descolonização e de todas as minorias raciais, das mulheres, dos estudantes, dos homossexuais, dos alternativos e dos antinucleares, etc..., vão assim definir novas modalidades de luta, de organização e principalmente de deslegitimação do conjunto dos "poderes-saberes", ao longo dos anos de 1960 e 1970. Nós não lemos somente a histórica do capital através da guerra, mas igualmente esta última através de 68, que somente tornou possível a passagem teórica e política da guerra às "guerras".

20. A guerra e a estratégia ocupam um lugar central nas teorias e práticas revolucionárias do século XIX e da primeira metade do século XX. Lênin, Mao e o general Giap anotaram cuidadosamente a obra *Da guerra*, de Clausewitz. O pensamento de 68 quanto a ela se absteve de problematizar a guerra, à exceção notável de Foucault e de Deleuze-Guattari. Eles não somente propoaram inverter a célebre fórmula de Clausewitz ("a guerra é a continuação da política por outros meios"), analisando as modalidades segundo as quais a "política" pode ser apreendida como uma guerra continuada por outros meios: *eles sobretudo transformaram radicalmente os conceitos de guerra e de política*. Sua problematização da guerra é estritamente dependente das mutações do capitalismo e das lutas que se lhe opuseram ao longo da pós-guerra, antes de se cristalizar na estranha revolução de 1968: a "microfísica" do poder proposta por Foucault é uma atualização crítica da "guerra civil generalizada"; a "micropolítica" de Deleuze e Guattari é indissociável do conceito de "máquina de guerra" (sua construção teórica não acontece sem contar com o percurso militante de um dos dois). Se isolarmos a análise das relações de poder da guerra civil generalizada, como o fez a crítica *foucaultiana*, a teoria da governamentalidade não é mais do que uma versão da "governança" neoliberal. Se, por outro lado, nós separarmos a micropolítica da máquina de guerra, como o fez a crítica *deleuziana* (que igualmente se empenhou em estetizar a máquina de guerra), não sobrá nada a não ser "minorias" impotentes diante do Capital, que por sua vez mantém a iniciativa.

21. Siliconizados pelas novas tecnologias, de onde desenvolveram o seu poder de fogo, os militares vão misturar a máquina técnica na máquina de guerra. As consequências políticas disso são consideráveis. Os EUA planejaram e conduziram a guerra no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003), a partir do princípio “Clausewitz out, computador in” (a mesma operação é estranhamente repetida pelos proponentes de um capitalismo cognitivo que dissolve a realidade total das guerras em computadores e “algoritmos” tendo, portanto, antes de qualquer coisa, servido para manter a guerra). Credo dissipar a “névoa” e a incerteza da guerra pela acumulação nada menos do que primitiva da informação, os estrategistas da guerra hiper tecnológica, numerada e “pesquisocêntrica” rapidamente se desiludiram: a vitória tão rapidamente conquistada logo se transformou num desastre político-militar, desencadeando a seguir *in situ* o desastre do Oriente Médio. Em vez de poupar o mundo livre, trouxe para ele os seus valores num estranho remake do filme Dr. Strangelove. A máquina técnica não explica nada por si e não pode fazer grande coisa sem mobilizar todas as outras “máquinas”. A sua eficiência e sua própria existência dependem da máquina social e da máquina de guerra que vão, na maioria das vezes, moldar o avatar técnico, segundo um modelo de sociedade alicerçado sobre as divisões, as dominações, as explorações (*correr mais rápido, lavar mais branco*, para retomar o título do belo livro de Kristin Ross).

22. Se a queda do muro de Berlim emitiu a certidão de óbito de uma múmia, da qual 68 já havia apagado inclusive a pré-história comunista, e se, em consequência, aquela queda precisa ser assumida como um não-evento (é isso que se diz de maneira melancólica com a tese do Fim da História), o fiasco sangrento das primeiras guerras pós-comunistas conduzidas pela máquina de guerra imperial, de maneira diversa, fez história. E o fez, inclusive, em razão do debate que abriu entre os militares, onde se vê a aurora de um novo paradigma da guerra. Antítese das guerras industriais do século 20, o novo paradigma é definido como uma “guerra no interior da população”. Este conceito que, no texto, inspira um improvável “humanismo militar”, nós o tornamos nosso ao fazê-lo retornar a seu sentido na origem e no terreno real de guerras do capital, e ao reinscrever a “guerra no interior da população” no plural das nossas guerras. A população é o campo de batalha dentro do que se exercem as operações contrainsurrecionais de todos os gêneros, que são simultaneamente, e de um jeito indiscernível, militares e não-militares, porque é assim que elas são portadoras da nova identidade de “guerras sangrentas” e “guerras sem sangue”. No fordismo, o Estado não garante apenas a territorialização estatal do Capital, como também da guerra. Daí resulta que a mundialização não liberará mais o capital das garras do Estado sem igualmente liberar a guerra, cuja continuidade em relação à economia se eleva a uma potência superior, integrada no plano do capital. A guerra desterritorializada não é de modo algum a guerra interestatal, mas uma

seqüência ininterrupta de guerras múltiplas contra as populações, pondo definitivamente a “governamentalidade” ao lado da “governancia”, numa empresa comum de negação das guerras civis globais. As divisões que projetam as guerras no interior da população, a ponto de se tornarem o conteúdo real da biopolítica, é isso o que governa e que permite governar. Uma governamentalidade biopolítica da guerra como distribuição diferencial da precariedade e da norma da “vida cotidiana”. Exatamente o contrário da Grande Narrativa do nascimento liberal da biopolítica, como foi colocado num curso famoso do Collège de France, na fratura dos anos 1970 e 1980.

23. Crescendo as divisões, acentuando as polarizações de todas as sociedades capitalistas, a economia da dívida transforma a “guerra civil mundial” (Schmitt, Arendt) em uma imbricação de guerras civis: guerras de classe, guerras neocoloniais contra as “minorias”, guerra contra as mulheres, guerras de subjetividade. A matriz dessas guerras civis é a guerra colonial. Esta última jamais foi uma guerra entre Estados, mas, por essência, uma guerra dentro da e contra a população, na qual as distinções entre paz e guerra, entre combatentes e não combatentes, entre a economia, a política e o militar jamais ocorreram. A guerra colonial nas e contra as populações é o modelo de guerra que o Capital financeiro desencadeou a partir dos anos 70, sob o nome de um neoliberalismo de combate. Sua guerra será ao mesmo tempo fractal e transversal: fractal porque ela produz indefinidamente sua invariância por mudança constante de escala (sua irregularidade e as “fissuras” que ela introduz se exercem em diversas escalas de realidade); e transversal porque ela se implementa simultaneamente no nível da macropolítica (jogando com todas as grandes oposições duais: classes sociais, brancos e não-brancos, homens e mulheres...) e da micropolítica (por *engineering* molecular que privilegia as mais altas interações). Ela pode assim conjugar os níveis civis e militares no Sul e no Norte do mundo, nos Suls e nos nortes de todo o mundo (ou quase). Sua primeira característica é portanto ser menos uma guerra sem distinção do que uma guerra irregular.

A máquina de guerra do capital que, no início dos anos 70, integrou definitivamente o Estado, a guerra, a ciência e a tecnologia estabelece claramente a estratégia da mundialização contemporânea: precipitar o fim da muito curta história do reformismo do capital – *Full Employment in a Free Society* [Pleno Emprego em uma Sociedade Livre], segundo intitulado no livro-manifesto de Lord Beveridge publicado em 1944 – se atacando por tudo e por todos os meios com as condições de realidade da relação de forças que lhe impusera. Uma infernal criatividade será desenvolvida pelo projeto político neoliberal para parecer dotar o mercado de qualidade sobrehumanas de processar informação: o mercado como cyborg definitivo.

24. A tomada de consistência dos neofascismos a partir da “crise” financeira de 2008 constitui uma virada no desdobramento das guerras no seio da população. Suas dimensões ao mesmo tempo fractais e transversais assumem uma nova e temível eficácia de divisão e de polarização. Os novos fascismos colocam à prova todos os recursos da máquina de guerra, pois se esta não se identifica necessariamente ao Estado, ela pode também escapar ao controle do Capital. Enquanto a máquina de guerra do Capital governa através de uma diferenciação “inclusiva” da propriedade e da riqueza, as novas máquinas de guerras fascistas funcionam por exclusão a partir da identidade de raça, de sexo e de nacionalidade. As duas lógicas parecem incompatíveis. Em realidade, elas convergem inexoravelmente (cf. A “preferencia nacional”) na medida em que o estado de urgência econômica e política se instala no tempo coercitivo do *fluxo global (global flow)*.

Se a máquina capitalista continua a desconfiar dos novos fascismos, não é em razão dos seus princípios democráticos (o capital é ontologicamente antidemocrático) ou da *regra da lei (rule of law)*, mas porque, como ensina o nazismo, o posfascismo pode tomar sua autonomia em relação à máquina de guerra do capital e escapar ao seu controle. Não é exatamente isso que aconteceu com os fascismos islâmicos? Formados, armados, financiados pelos EUA, eles voltaram suas armas contra a superpotência e seus aliados que os haviam instrumentalizados. Do Ocidente às terras do Califat ida e volta, os nazistas de todas as convicções encarnam a subjetivação suicida do “modo de destruição” capitalista. É assim a cena final do retorno do reprimido colonial: os djihadistas da geração 2.0 assombram as metrópoles ocidentais como seu inimigo mais interior. O endocolonialismo se torna assim o modo de conjugação generalizada da violência “tópica” da dominação mais intensiva do capitalismo sobre as populações. Quanto ao processo de convergência ou de divergência entre máquinas de guerra capitalista e neofascista, isso dependerá da evolução das guerras civis em curso, e das perigos que um eventual processo revolucionário poderia fazer correr à propriedade privada, e, mais genericamente, ao poder do Capital.

25. Impedindo a redução do Capital e do capitalismo a um sistema ou a uma estrutura, e a economia a uma história de ciclos fechados sobre eles mesmos, as guerras de classe, de raça, de sexo, de subjetividades impugnam igualmente à ciência e à tecnologia todo o princípio de autonomia, todo o caminho aberto para a “complexidade” ou uma emancipação forjada pela concepção progressista (e hoje aceleracionista) do movimento da História.

As guerras injetam continuamente relações estratégicas abertas à indeterminação do embate, à incerteza do combate, que torna inoperante todo mecanismo de autoregulação (do mercado) ou toda regulação por feedback (“sistemas homens-máquinas” que abrem sua “complexidade” sobre o futuro). A abertura estratégica da guerra é radicalmente outra que a abertura sistêmica da cibernética, que não nasceu para nada na guerra. O capital não é nem estrutura, nem sistema, ele é

“máquina”, e máquina de guerra cuja economia, a política, a tecnologia, o Estado, as mídias não são nada além de articulações informadas por relações estratégicas. Na definição marxista/marxiana do *Intelecto Geral*, a máquina de guerra integrando a seu funcionamento a ciência, a tecnologia, a comunicação negligenciou curiosamente ao seu proveito um pouco confiável “comunismo do capital”.

26. O capital não é um modo de produção sem ser ao mesmo tempo um modo de destruição. A acumulação infinita que ultrapassa continuamente seus limites para os recrear novamente é ao mesmo tempo destruição alargada ilimitada. Os ganhos de produtividade e os ganhos de destrutividade progridem paralelamente. Eles se mantêm na guerra generalizada que os científicos preferem chamar de *Antropocena* do que de *Capitalocena*, mesmo se, e com toda evidência, a destruição do meio ambiente no qual e pelo qual nós vivemos não começa com os seres humanos e suas necessidades crescentes, mas com o Capital. A “crise ecológica” não é o resultado de uma modernidade e de uma humanidade cega aos efeitos negativos do desenvolvimento tecnológico, mas é o “fruto da vontade” de certos homens de exercer uma dominação absoluta sobre outros a partir de uma estratégia geopolítica mundial de exploração sem limites de todos os recursos humanos e não-humanos.

O capitalismo não é somente a civilização mais assassina da história da humanidade, aquela que introduz em nós a vergonha de ser humano, ela é também o modo pelo qual o trabalho, a ciência e a tecnologia criaram, outro privilégio absoluto na história da humanidade, a possibilidade de aniquilamento absoluto de todas as espécies e do planeta que lhes abriga. Entretanto, a complexidade (do resgate) da natureza promete ainda a perspectiva de belos lucros onde se misturam a utopia *techno* do *geoengineering* e a realidade dos novos mercados do “direito à poluir”. Na confluência de um e de outro, o Capitaloceno não envia o capitalismo à Lua (ele retornou de lá), ele conclui a mercantilização global do planeta fazendo valer seus direitos sobre a bem nomeada troposfera.

27. A lógica do Capital é a logística de uma valorização infinita. Ela implica a acumulação de um poder que não é simplesmente econômico pela simples razão que ele se complica de saberes e poderes estratégicos sobre a *força* e *fraqueza* das classes em luta, as quais ele se aplica e com as quais ele não cessa de se explicar. Foucault observou que os marxistas colocaram sua atenção sobre o conceito de 'classe' em detrimento do conceito de 'luta'. O saber sobre a estratégia é assim esvaziado em favor de um empreendimento alternativo de pacificação (Tronti propôs a versão mais épica). Quem é forte e quem é fraco? De qual maneira os fortes se tornam fracos porque os fracos se tornam fortes? Como fortalecer a si mesmo para enfraquecer o outro para o dominar e explorar? É a

pista anticapitalista do nietzscheanismo francês que nos propõem seguir e reinventar.

28. O Capital sai vencedor das guerras totais e da confrontação com a revolução mundial, a qual 1968 é para nós a referência. Ele não deixa desde então de roubar de vitória em vitória, aperfeiçoando seu motor de resfriamento. Onde se verifica que a primeira função do poder é de negar a existência das guerras civis, as apagando até sua memória (a pacificação é uma política de *terras incendiadas*). Walter Benjamin está lá para nos lembrar que a reativação da memória das vitórias e das derrotas, das quais os vencedores tiram sua dominação, só podem vir dos derrotados. Problema: os vencidos de 68 foram jogados fora com a água do banho do velho bebê leninista, ao fim do “outono quente”, selado pela falência da dialética do “partido da autonomia”. Introduzido nos “anos de inverno” sobre o fio de uma segunda guerra fria que assegura o triunfo do “people do capitalismo” (*Capitalismo do Povo – Esta É a América!*), o Fim da História vai assumir o trabalho sem parar, em uma guerra do Golfo que “não teve lugar”. Com exceção de uma constelação de novas guerras, de máquinas revolucionárias ou militantes mutantes (Chiapas, Birmingham, Seattle, Washington, Gênese...) e de novas derrotas. As novas gerações que escrevem recusam “o povo que falta” sonhando insônias e processos destuantes infelizmente reservados aos *seus amigos*.

29. De modo sumário, nos dirigimos *a nossos inimigos*. Pois este livro não tem outro objetivo além de fazer entender, sob a economia e sua democracia, atrás das revoluções tecnológicas e “a intelectualidade de massa” do Intelecto Geral, o crescimento das guerras reais em curso em todas as suas multiplicidades. Uma multiplicidade que não é à ser feita, mas à se *desfazer* e *refazer* para mudar em novos possíveis as “massas ou fluxos” que são duplamente os sujeitos. Do lado das relações de poder enquanto sujeitos à guerra ou/e do lado das relações estratégicas que são suscetíveis de as projetar ao domínio dos sujeitos das guerras, com suas mutações, sua desterritorialização, suas conexões, suas precipitações. Em resumo, se tratará de tirar as lições disso que nos apareceu como a falha do pensamento de 68, do qual todos somos herdeiros, na nossa incapacidade de pensar e construir uma máquina de guerra coletiva à altura da guerra civil desencadeada sob o nome de neoliberalismo e do primado absoluto da economia como política exclusiva do capital. Tudo se passa como se 68 não tivesse conseguido *pensar até o fim*, não sua derrota (há, desde os Novos Filósofos, profissionais disso), mas a ordem guerreira de razões que soube afetar sua insistência em uma destruição continuada, colocada ao infinitivo presente das lutas de resistência.

30. Não se trata, sobretudo, de terminar com a resistência. Mas com o “teoricismo” que satisfaz um discurso estratégico impotente diante do que se passa. E disso que nos chegou. Pois, se os

dispositivos de poder são constituídos em detrimento das relações estratégicas e das guerras que se travam, ele não pode ter contra elas nada além do que fenômenos de resistência. Com o sucesso que se sabe. *Gracia docet.*

**Pós escrito:** *Este livro é colocado sob o signo (impossível) de um “mestre em política” – ou, mais exatamente, do ditado (adagio) althusseriano forjado no canto de um materialismo histórico no qual nós nos reconhecemos: “Se você quer conhecer uma questão, faça a sua história” - 68, desvio maior por relação às leis do althusserianismo (e de tudo que elas representam), será o diagrama de escape de um segundo volume, provisoriamente intitulado Capital e Guerras. Nós nos propomos retomar a pesquisa sobre a estranha revolução de 68 e sobre suas sequências, onde o trem da contrarrevolução oculta bem outras: toda uma multiplicidade de contra-revoluções em forma de restaurações. Elas serão analisadas do ponto de vista de uma prática teórica politicamente sobredeterminada pelas realidades guerreiras do presente. É neste espírito que nós arriscamos uma leitura sintomática do Novo Espírito do Capitalismo, do Acelaracionismo (a versão ao mesmo tempo mais atual e mais regressiva do pós-operaismo) e do Realismo Especulativo (nós renunciamos portanto a lhe incluir em nossa leitura do Antropoceno).*